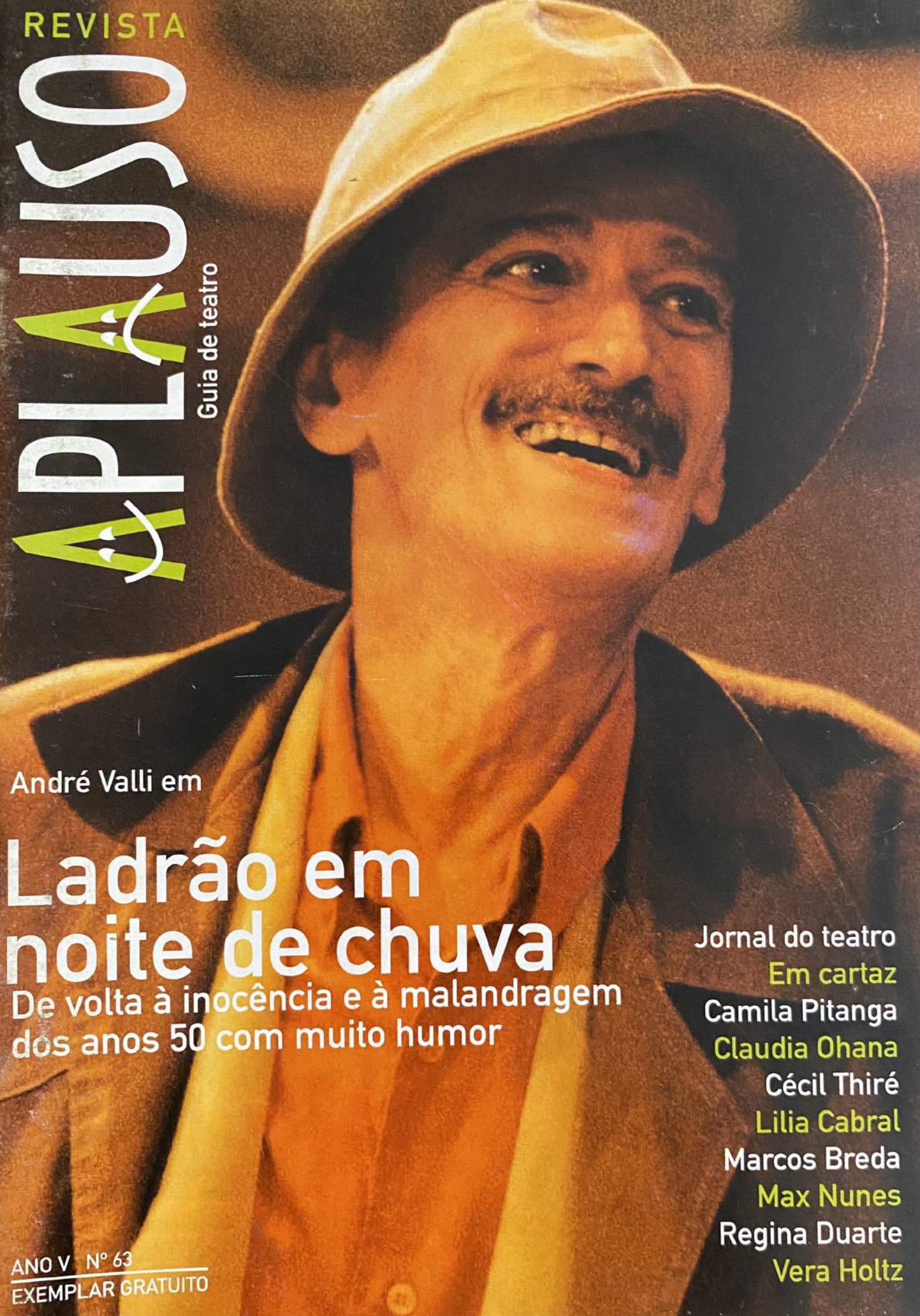
REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro



André Valli em

Ladrão em noite de chuva

De volta à inocência e à malandragem dos anos 50 com muito humor

Jornal do teatro
Em cartaz
Camila Pitanga
Claudia Ohana
Cécil Thiré
Lilia Cabral
Marcos Breda
Max Nunes
Regina Duarte
Vera Holtz

ANO V Nº 63
EXEMPLAR GRATUITO

Completíssima.

A Sol Gráfica apresenta ao mercado seu mais recente investimento: pré-impressão digital e CtP.

Eliminamos filmes para oferecer melhor desempenho na produção dos trabalhos, otimizamos tempo e aprimoramos a qualidade dos impressos.

Sem mencionar a diminuição no custo do trabalho, uma vez que os fotolitos não são mais necessários.

E estamos mais perto ainda do nosso cliente: transmissão de dados em banda-larga pela Internet proporciona mais agilidade.

Por isso a Sol Gráfica tem orgulho de ser completíssima.

SOL GRÁFICA

Rua João Torquato, 289 - Bonsucesso • RJ
Tel: (21) 2560-4082 Fax: (21) 2290-8599
www.solgrafica.com.br • solgrafica@infolink.com.br

De volta à infância

"Comecei a trabalhar com humor no início da década de 40, a convite de um grande humorista da época, Barbosa Júnior. Até cantava em programas infantis e era chamado de *Gargantinha de Veludo*. Paralelamente, fui estudar Medicina. Cheguei a me formar em 1948, mas logo percebi que seria pobre o resto da vida. Então passei a me dedicar integralmente a emissoras de rádio.

Logo que surgiu a TV criei o *Balança Mas Não Cai* e outros quadros humorísticos. Também continuei compondo e escrevendo para o teatro. Ao todo, foram 36 revistas. A maior parte delas escritas a quatro mãos. Escrevia com enorme prazer peças que foram encenadas por Oscarito, Grande Othelo, Dercy Gonçalves, Brandão Filho.

Passei por muitos anos de censura. No tempo de Getúlio (Vargas) não se podia nem dizer que faltava água no Rio de Janeiro. Até mesmo durante o governo do Juscelino (Kubitschek), que era mais brando, não se podia fazer um esquete com o título 'meta' – porque já encaravam como crítica ao Plano de Metas. Sofri muito patrulhamento. Mas nunca mudei meu estilo. O humor não pode ser politicamente correto.

Nos últimos 30 anos tenho o prazer de trabalhar com o Jô Soares, em alguns sucessos como *Satyricon*, *Viva o Gordo* e *Programa do Jô*. Aos 83 anos, observo que a vida brasileira continua muito engraçada, na política principalmente. Basta olhar pela janela para se ter uma fonte inesgotável de inspiração.

Infelizmente, o humor passou a ser do umbigo para baixo. Cabe só aos novos talentos resgatar a crítica social e traduzir isso para as novas tecnologias. Na verdade, sou muito saudosista e choro à toa. Como estou encolhendo fisicamente, minha suspeita é que eu esteja virando criança. Daqui a pouco entro na puberdade – aí ninguém me segura!"

Max Nunes, janeiro de 2005

Brasil no Soleil

O acrobata curitibano Guilherme Wandressen, de 23 anos, acaba de passar na dificílima seleção para o *Cirque Du Soleil 2004*. Professor do *Projeto Talentos da Vez 2* e integrante da *Intrépida Trupe*, ele fez a audição com um dedo do pé quebrado – contrariando ordens médicas e superando os limites físicos. "Passei tinta de arnica no pé para ninguém ver o roxo nem saber que meu dedo estava quebrado. Fiz o melhor que pude. Sobrecarreguei meu organismo, mas valeu a pena", comemora, de malas prontas para morar seis meses em Montreal, Canadá, na sede do *Soleil*.

Lorca no Rio

Estréia dia 10 de março *Uma Última Cena Para Lorca*, sobre a vida e obra do escritor Frederico Garcia Lorca, com texto de Antonio Roberto Gerin e direção de André Paes Leme, no Centro Cultural da Justiça Federal. À frente do elenco está o ator italiano Nicola Siri.

Mais *Cócegas*

Visto por mais de 800 mil pessoas em todo o Brasil, *Cócegas* volta ao Rio para curta temporada na casa de espetáculos Garden Hall (Av. das Américas, 3255, 2º piso), no shopping Barra Garden. O público pode ver e rever as nove divertidas histórias assinadas por cinco diretores e interpretadas por Heloisa Périssé e Ingrid Guimarães. Dias 15, 16, 21, 22 e 23 de janeiro. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Ingressos de R$ 30 a R$ 50.

Chanel premiada

Marília Pêra acaba de ser eleita pelo júri da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) como melhor atriz de teatro por *Mademoiselle Chanel*. A bem-sucedida temporada paulista levou mais de 50 mil espectadores ao Teatro Faap, sempre com sessões esgotadas. O espetáculo de Maria Adelaide Amaral também recebeu três prêmios Qualidade Brasil 2004 e está previsto para estrear no Rio em março. Agende-se!

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte) e Janaína Medeiros (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Pré-Impressão, CTP e Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: divulgação

Vera Holtz

Intuição afiada

"Depois de muitos anos fazendo uma peça, é difícil continuar", diz Vera.

Venho de uma família italiana e alemã. Fui criada no interior de São Paulo, convivendo com músicos e pintores, mas passei a infância sem saber o que era teatro. Aos 15 anos, mesmo sem ter jamais assistido uma peça, fui convidada a participar de um espetáculo. Não me pergunte como consegui, nem o que fiz. Não me lembro de nada.

A minha descoberta do teatro aconteceu anos mais tarde, na década de 70. Cursei Artes Plásticas e, em dezembro de 1975, assinei contrato com uma firma de engenharia no Rio de Janeiro. Mais que o emprego, queria vir para o Rio. Sentia que tudo mudaria na minha vida aqui.

Fiquei dois anos trabalhando na prancheta e comecei a surtar. Até que retomei as aulas de piano, o que me acalmou um pouco. Logo depois fui estudar artes cênicas na Uni-Rio. Nem cheguei a completar o curso. Fiz a minha estréia na peça *Rasga Coração*, do Oduvaldo Vianna Filho, em 1979. Não parei mais.

Fazia um pouco de tudo, desde produção até bilheteria. Nestes 25 anos de carreira, tenho muita saudade do espetáculo *Theatro Musical Brazileiro*, que fiz no Paço Imperial em 1985. Com direção de Luiz Antonio Martinez Correia, uma luz rosa lindíssima do Maneco Quinderé, despontei para a mídia. E no mesmo ano teve início a trajetória de *Pérola*. Foi o meu maior sucesso no teatro. *Pérola* foi a obra-prima de Mauro Rasi. Ficamos cinco anos em cartaz e só guardo boas lembranças deste espetáculo. Mesmo assim, muitas vezes gostaria de ter sido substituída. Depois de tantos anos, é difícil continuar.

Por isso aceitei tarefa de substituir Irene Ravache neste sucesso que é *Intimidade Indecente*. Ainda estou digerindo o texto, mas espero estar a altura do Marcos Caruso e da expectativa do público".

Coração Bazar

Espetáculo solo de Regina Duarte chega ao Rio depois de emocionar multidões até em Portugal.

Por Janaina Medeiros

FOTO: BENÊ PORTO/DIVULGAÇÃO

"É o espetáculo em que mais me exponho e me desnudo. É a minha essência". Assim resume Regina Duarte o seu *Coração Bazar*, que nasceu a partir de textos clássicos sugeridos pela atriz e organizados pelo diretor José Possi Neto. Depois de mais de um ano encantando platéias numa bem-sucedida turnê pelo Brasil e Portugal, Regina sobe ao palco do Teatro SESI numa curtíssima temporada até o dia 30 de janeiro.

Nesta colcha de retalhos da prosa e poesia, Regina se desdobra em sete personagens durante 60 minutos. As trocas de figurino e maquiagem são feitas na frente do público, sem parar. Um verdadeiro caleidoscópio de emoções. "Considero o espetáculo uma síntese de todo o meu aprendizado como atriz em 40 anos de trabalho", esclarece, lembrando como foi angustiante o processo de seleção dos textos.

Memória afetiva

"O Possi e eu começamos a conversar e temos memórias em comum porque somos de uma mesma geração. Fechamos a seleção a partir da memória afetiva, das paixões que tive por cada um destes textos. Todos eles estão ali porque me deram força e me consolaram, fizeram bem à minha vida em alguma ocasião", conta Regina.

E assim temos em palco Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Cecília Meirelles, Millôr Fernandes, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, João Silvério Trevisan, Vinícius de Moraes, Ivan Ângelo, Adélia Prado, Liv Ullman, Florbela Espanca, Paulo Leminsky e – claro - Regina Duarte.

Sete portas

"Quero compartilhar uma riqueza literária que me tem servido de alento, de guia, de bálsamo. Quero que o público leve para casa uma jóia. Ele sai de casa, enfrenta engarrafamento e tudo mais para ver um espetáculo. É claro que tem que sair com algo que valha a pena", pondera a eterna namoradinha do Brasil – e também de Portugal.

Cenário e figurino assinados por Fábio Namatame traduzem o transe criativo da peça. Inspirado na frase "considero a vida uma estalagem", de Fernando Pessoa, o ambiente remonta uma estalagem – com direito a sete portas e um baú-surpresa abarrotado de sonhos. Para arrematar, a trilha sonora de Tunika Teixeira viaja de Pink Floyd a Chopin, numa cerimônia de pluralidade e celebração que desconhece fronteiras.

Haja coração!

A trajetória de Coração Bazar começou em outubro de 2003, nas cidades de Barretos e Bauru (interior de São Paulo). Em janeiro de 2004, a peça foi apresentada no Sesc Santo André e chamou a atenção do governo paulista, que comprou 30 apresentações fechadas para 30 mil professores da Rede Pública. Em seguida, Regina foi para o Teatro Cultura Artística (SP). E, de lá, partiu para Portugal, em setembro, para cumprir 27 apresentações em oito cidades lusitanas durante oito semanas. A turnê incluiu Porto, Lisboa e a Ilha Terceira dos Açores.

DIVÃ

Curiosidade leva mulher de 40 anos pela primeira vez ao analista, numa inesperada viagem dentro da alma.

Por Janaina Medeiros

Em time que se ganha, não se mexe – já ensina o ditado popular. Mas a curiosidade de Mercedes falou mais alto e a levou a uma viagem sem volta. Este é o mote de *Divã*, peça adaptada do romance homônimo de Martha Medeiros, assinada por Marcelo Saback, Lilia Cabral, Marcelo Valle e Gisele Fróes. Em cartaz no Teatro Laura Alvim, promete mexer no baú de emoções que existe em todos nós.

A descoberta

"Tivemos a preocupação de manter o personagem masculino do livro para não ser um espetáculo só para mulheres", explica a protagonista Lilia Cabral, que se apaixonou à primeira leitura por Mercedes e não descansou até comprar os direitos do livro e assumir a produção do projeto. A paixão de Lilia é justificável. Mercedes é uma mulher moderna, inteligente – mistura de feminilidade e pragmatismo, regada a muito humor. Aos 40 anos, segue com seu casamento e dois filhos numa rotina bem-resolvida. Isso até decidir por mera curiosidade procurar um analista. E aí o divã em questão se torna um turbilhão de emoções devastadoras que mudam sua vida para sempre.

"Mercedes descobre que abafava certos sentimentos e os guardava. Ela começa a enfrentar os fatos e enxerga que não precisa necessariamente ser normal", adianta Lilia, ressaltando que tanto peça quanto livro têm uma visão positiva sobre o mundo. "Ela sente saudades do passado, mas não vive dele. Está pronta para encarar o presente e o futuro. E com muito bom-humor para enfrentar os fantasmas".

As lembranças

Nesta viagem ao fundo do ego, a análise traz uma trama em retrospectiva, entrando em cena sua melhor amiga Mônica (Gisele Fróes) e Gustavo (Marcelo Valle). E, a partir deles, a catarse de paixões, ciúmes, inseguranças e desejos reprimidos. "É uma peça feérica que tem tudo para empolgar mesmo quem não esteja atravessando esses questionamentos", diz o diretor Ernesto Piccolo.

A cenografia de J. C. Serroni torna-se uma grande aliada ao propor como base o consultório que, de forma lúdica, se desdobra nos ambientes de cada uma de suas lembranças.

Freud explica?

Acredite se quiser, a autora Martha Medeiros nunca fez terapia por mais de dois meses. Este fato encantou ainda mais Lilia Cabral. Adepta de sessões semanais desde 1987, após a morte de sua mãe, a atriz acredita no poder da análise. E, agora, também na vida além do divã. "O fato de Martha nunca ter sido analisada e ter escrito uma obra tão profunda prova que a intuição é absoluta e sempre fala mais alto", diz Lilia.

FOTOS: GUGA MELGAR/DIVULGAÇÃO

Começar uma outra vida

Meninos de rua contam como o Projeto Talentos da Vez os afastou das drogas e os levou de volta à escola e à família.

Há um ano, o Projeto Talentos da Vez - uma iniciativa da Prefeitura do Rio -, vem dando oportunidade a 600 jovens, todos moradores em bairros de baixa renda, de receberem capacitação artística nas áreas de Teatro, Dança, Música, Circo e Artes Plásticas. Desde setembro do ano passado, o projeto também está beneficiando 50 adolescentes cadastrados em abrigos municipais, jovens que têm a rua como moradia.

L. P. C. é um dos exemplos. Em tratamento contra dependência química, graças à nova paixão por dança e circo, ele também está se alfabetizando e se reaproximando da família. "Eles estão olhando para mim com orgulho e esperança. Estão vendo que o projeto não é brincadeira e realmente está mudando a minha vida. Quero voltar para a escola, conseguir um emprego e poder comprar um teto para a minha família", sonha o adolescente de 15 anos, que explica o que mudou no seu comportamento depois do *Talentos da Vez*. "Mudou meu ponto de vista sobre as coisas e me trouxe mais atenção. Sem falar que não fico mais à toa, livre para o tráfico".

Dramas reais

F. G. M. também enfrenta uma luta contra as drogas. Ela nunca conheceu seus pais e viveu em um orfanato até os 13 anos, quando foi transferida para um abrigo por mau comportamento. "Estava na 7ª série e era boa aluna, mas fugi do abrigo e fui para as ruas. Fiquei na pista por um ano, era viciada em tine", diz ela. Agora com quase 18 anos e quer mudar sua vida. "Vou fazer um supletivo para entrar logo no Ensino Médio. Também vou tirar os meus documentos para conseguir o meu sustento. Foram as aulas aqui que me deram força para dar um jeito na minha vida".

Outra que teve problemas com dependência foi A. K. L. F. Grávida de sete meses do segundo filho, aos 18 anos, ela morava na rua desde os 12 anos – quando fugiu de casa porque era espancada pelo pai. "Só ia para o abrigo no inverno, por causa do frio". Para sobreviver, usava drogas e roubava para sustentar seu vício. "No início assaltava com caco de vidro e até palito de churrasco. Depois passei a andar armada e a acompanhar pessoas em saída de banco", confessa, arrependida do passado.

Hoje A. K. passa a maior parte do tempo no abrigo, onde mora com sua filha de 1 ano e 7 meses. E foi lá que ela soube do *Projeto Talentos da Vez*. "Descobri que sou boa de decorar texto e de fazer trabalhos manuais. Adoro as aulas de Teatro e de Artes Plásticas", conta a ex-menina de rua, que parou de estudar quando saiu de casa e pretende voltar à escola ainda este ano. "E quero fazer faculdade de direito ou enfermagem", conta.

Luz no fim do túnel

Violência doméstica é o principal motivo de fuga destes jovens que, sem opção, vão para as ruas ou os abrigos. I.L.A., de 13 anos, sempre foi bom aluno e nunca parou de estudar. Aluno da 7ª série, ele fugiu da sua casa em Guadalupe (zona oeste do Rio) para morar no abrigo. "Minha mãe me batia com pedaço de madeira. Estou aguardando a audiência para minha avó conseguir a minha guarda. Assim que isso acontecer, vou para a sua casa", revela o garoto. E também foi no abrigo que ele soube do Galpão Aplauso Rio. "Descobri duas paixões: teatro e skate. Vou comprar um skate para mim este ano. E quero

continuar com as aulas de interpretação. Agora penso em ser ator profissional".
Já a dança é a atividade preferida de H.O: "desde criança, sempre fui louco por dança, principalmente as afros, que são as minhas preferidas. Quando soube do *Talentos da Vez*, eu me interessei na hora e vim correndo",.
"O que alivia a minha dor é a arte. Meu sonho é sair do abrigo, conseguir um emprego e comprar uma casa para reunir a minha família. Não agüento mais essa realidade. Chorava muito, todos os dias, antes de vir para cá. Agora que enxerguei uma luz no fim do túnel, passei a chorar menos. Também gosto muito das aulas de circo, skate e desenho. Mas vejo que a dança não é só um passatempo e posso levar como profissão", diz H.

Um futuro melhor

U.J.S.R. também não suportava mais as brigas constantes dos pais e preferiu fugir de casa. Não passou muito tempo morando nas ruas – logo foi adotado por um grupo que o encaminhou a um abrigo. "Meu pai me localizou e me levou de volta para casa, na Providência (favela no centro), mas só fiquei sete dias lá. Eles começaram tudo de novo e não agüentei. Fui para outro abrigo", onde encontrou sua irmã mais velha.

Aos 15 anos, U. foi encaminhado para freqüentar as aulas do *Talentos da Vez*. E se encontrou na música. "É a minha aula preferida. Comecei a tocar violão e quero mais. Também adoro desenho e estou na dúvida se vou ser músico ou arquiteto", revela. "Se tudo der certo, minha irmã e eu vamos sair do abrigo e morar juntos este ano".

E o final feliz também está próximo para R. V. J.. Filho de pai alcoólatra, ele saiu de casa aos 13 anos para morar na rua. Passando de um abrigo para o outro, Rafael se destacava por seu bom comportamento e seu dom para o teatro.

"Sempre que tinha uma peça no abrigo, eu era convidado. Aí quando surgiu o *Projeto Talentos da Vez*, logo me indicaram", explica Rafael, que reencontrou o seu avô e está morando com ele. Atualmente fazendo o supletivo 1º Grau, o jovem acaba de completar 18 anos e pretende concluir o Ensino Médio. "Apesar de gostar muito de teatro, quero trabalhar com circo, se Deus quiser. Adoro fazer acrobacia no chão ou no tecido. Não quero outra coisa para a minha vida", diz ele. Mais um jovem que, graças as aulas no Galpão Aplauso-Rio, convive com a esperança de uma vida melhor.

Parceria com Débora Colker

Uma das iniciativas inovadoras do Projeto Talentos da Vez foi uma parceria firmada com a coreógrafa Débora Colker. Responsável pela Comissão de Frente da Escola de Samba Viradouro, ela convidou quatro alunos de Artes Plásticas para estagiarem na montagem do carro alegórico. Serão 15 dias de trabalho, com R$ 200 de remuneração. Foram selecionados Everton Paulo de Souza, Rodrigo Ferreira dos Santos, Wagner Silva do Carmo e Vinícius Ramos. Grande destaque da oficina. Vinícius, aos 23 anos, sonha em se tornar um profissional de desenho. "Estou recebendo muito incentivo e aprendendo a conviver melhor com as pessoas. Hoje sou muito mais atento e dedicado. Estou muito feliz e o Talentos da Vez é um grande aprendizado", comemora. Débora também ofereceu 3 bolsas de estudos em sua escola para 3 jovens a serem selecionados nas oficinas de dança.

Zé Jack e seu pandeiro

Musical de João Falcão homenageia obra do compositor Jackson do Pandeiro.

Por Janaina Medeiros

Há três anos, Alexandre Elias e Rose Dalney decidiram criar uma companhia para pesquisar a obra do compositor Jackson do Pandeiro, um dos maiores representantes do ritmo, da energia e do balanço da música nordestina. Assim nasceu a Cia. De Ópera Popular, que convidou João Falcão para comandar seu primeiro espetáculo. E o resultado pode ser conferido em *As Aventuras de Zé Jack e seu Pandeiro Solto na Buraqueira no País da Feira*, em cartaz na Sala Baden Powell.

Falcão assumiu a concepção do musical e, enquanto escrevia o roteiro dramático, dividiu a direção com Duda Maia. Nordestino como Jackson, João já conhecia muitas de suas músicas, mas escutou mais de 200 para selecionar as que fariam parte da trama.

"Decidi que este espetáculo seria o *Jackson Volume 1*. Então acabou o sofrimento. Não sei se vou ter tempo de concretizar um *Volume 2*, mas o meu entusiasmo

FOTOS: DIVULGAÇÃO

com o projeto me leva a crer que sim", adianta João Falcão, que optou por escrever um roteiro não-biográfico. A trama narra histórias das letras de Jackson do Pandeiro – e não da vida do compositor. "A vida do Jackson daria uma ótima peça. Mas decidi enxergá-lo através da sua obra", justifica.

"Os 12 personagens são os mais importantes na obra do Jackson e resumem bem a nossa homenagem", conta Duda. "Espero que as novas gerações tenham curiosidade de pesquisar e consumir a obra desse grande compositor", aposta o incansável João Falcão, de volta aos musicais depois de *Cambaio*.

Ópera popular

Com base na pesquisa feita por Márcia Zalenatto e José Gomes – sobrinho de Jackson –, o resultado mistura teatro e música de maneira não-convencional. Uma ópera popular que viaja pela obra do paraibano. "É um grande show, uma grande opereta. A música não pára enquanto se conta a história, sempre tem um triângulo ou um pandeiro ao fundo", explica a co-diretora Duda Maia, que deu a idéia de usar caixotes como elementos cênicos.

Cenário e figurino assinados por Mauro Leite remetem à Feira de Campina Grande. Um ambiente que sintetiza os cinco meses de ensaios com os 10 atores da companhia, ouvindo as canções de Jackson do Pandeiro e fazendo as preparações corporais e vocais.

Quem foi Zé Jack?

Nascido como José Gomes Filho, em Alagoa Grande (PA), o compositor se tornou Jackson por causa da paixão por faroestes. Estourou no rádio nos anos 50, com a música Sebastiana, e na mesma época conheceu Almira Castilho, radioatriz e ex-professora. Foi ela quem alfabetizou Jackson e deu rumo à sua carreira. Reverenciado por nomes como João Bosco, Lenine, Tom Zé, Herbert Vianna e pelo movimento mangue beat, Jackson do Pandeiro reinventou o samba e o coco, deu modernidade ao forró e cantou até frevos. Entre seus maiores sucessos estão Morena Bela, Falsa Patroa, A Secretária do Diabo, A Mulher que Virou Homem, Como Tem Zé na Paraíba, Coração Bateu e A Feira, todas incluídas no musical.

A maldição do Vale Negro

Mocinha sofredora, galã inescrupuloso, empregada má e segredos de família.... O resultado é uma paródia ao melodrama.

Exagero, artificialidade, gritos, tramas inverossímeis e moralistas, repletas de reviravoltas bruscas. Estes são os recursos mais facilmente identificáveis na arte do melodrama – gênero que surgiu no século 18 e recebe uma homenagem à altura na paródia *A Maldição do Vale Negro*, sob direção de Luiz Arthur Nunes, em cartaz no Teatro Villa-Lobos.

Na sua terceira montagem, o texto escrito por Caio Fernando Abreu e Luiz Arthur Nunes em 1986 usa e abusa do potencial do melodrama. E, por isso, foi o escolhido pelos produtores Camila Pitanga, Marcos Breda e Maria Helena Alvarez para dar continuidade ao projeto de fazer cinco vertentes da comédia ocidental em 10 anos – iniciado, em 2002, com a premiada encenação do clássico da commedia dell'arte *Arlequim, Servidor de Dois Patrões*, também dirigida por Nunes.

Drama mexicano

Aqui tudo começa durante a primavera de 1834, na província de Castelfranc, França. A paz parece reinar no castelo dos Belmont, no alto do Vale Negro. A pérfida Agatha (Marcos Breda), a velha e corcunda governanta, cuida do último descendente da nobre linhagem – o arruinado e gravemente doente conde Maurício (Mario Borges).

E como todo bom melodrama tem uma mocinha sofrida, Rosalinda (Camila Pitanga) é a pobre órfã acolhida na infância pela generosidade do velho fidalgo, hoje com 19 anos. Na verdade, ela é filha de sangue da condessa Úrsula de Belmont – trancafiada há anos pelo irmão em uma cripta subterrânea.

Outra vítima do conde é Vassili (Leonardo Netto), um doce cigano que foi cegado por ter se casado secretamente com a herdeira dos Belmont. Em meio a tantas lágrimas e segredos há ainda a astuta e resoluta cigana Jezebel (Carolina Virguez), conhecedora das artes divinatórias do tarô. E, claro, o sedutor inescrupuloso: marquês Rafael D´Allençon (Bruno Garcia), pretendente de Rosalinda. Todo este enredo, que mata de inveja qualquer novela mexicana, é ainda amarrado pela dramática narração em *off*, com a imponente voz de Paulo Autran.

Apesar de Camila já ter feito novelas, Rosalinda é sua primeira heroína clássica. Para a tarefa, a protagonista e produtora dedicou os dois últimos meses à preparação corporal. "Fiz aulas de balé avançado para conseguir a postura e a fragilidade de uma heroína antiga, um gestual bastante contido", explica, adiantando que pretende levar o espetáculo a festivais no exterior ainda este ano.

O cenário

A grande inovação técnica da atual montagem de A Maldição do Vale Negro está no cenário virtual com animação em 3D, projetado pelo designer gráfico Fábio Passos. Com base nos croquis desenhados em 1986 pelo cenógrafo e figurinista gaúcho Alziro Azevedo, que ambientaram as montagens anteriores da peça, Passos cria as animações e as passagens de acesso para os cenários estáticos dos telões originais.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A ESCOLHA

Casal é surpreendido no meio da noite por um inesperado visitante. Texto: Ariovaldo Matos. Direção: Di Veloso. Com Eduardo Cabús, Ângela Falcão. **Teatro Bibi Ferreira** (Rua Visconde de Ouro Preto, 78, Botafogo). Fone: 2539-4591. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

A HISTÓRIA DO ZOOLÓGICO

Um editor bem-sucedido e um andarilho se encontram no banco de um parque e começam uma conversa que mudará o destino de suas vidas. Texto: Edward Albee. Direção: Bruce Gomlevsky e Daniela Amorim. Com Bruce Gomlevsky e José Karini. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

A MALDIÇÃO DO VALE NEGRO

Paródia ao melodrama, narra a saga de um vilão contra uma típica mocinha, colocando fim à paz no castelo dos Belmont. Texto: Caio Fernando Abreu e Luiz Arthur Nunes. Direção: Luiz Arthur Nunes. Com Bruno Garcia, Camila Pitanga, Marcos Breda. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

A VIDA SÓ GOSTA DE QUEM GOSTA DELA

Musical mistura ficção e obra do compositor Braguinha durante o Rio Antigo, no auge de sua carreira. Texto e direção: Edu Mansur. Com Adriana Tolentino, Adriano Sabóia, Carolina Futuro. **Centro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 2219-5300. Sexta a domingo, 19h. R$ 10.

AS AVENTURAS DE ZÉ JACK E SEU PANDEIRO SOLTO NA BURAQUEIRA NO PAÍS DA FEIRA

Musical inspirado no universo das letras do compositor Jackson do Pandeiro. Roteiro dramático e concepção: João Falcão. Direção: João Falcão e Duda Maia. Com a Cia. De Ópera Popular. **Sala Baden Powell** (Av. N. sra. de Copacabana, 360, Copacabana). Fones: 2548-0421/0492. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15.

ABALOU BANGU

Casal de classe média vende a casa onde morou por 30 anos em Bangu e compra um apartamento em Copacabana. Difícil é se acostumar com os hábitos da zona sul... Texto e direção: Flávio Marinho. Com Catarina Abdalla e André Valli. **Teatro Vanucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terça e quarta, 21h. Quinta, 21h30. Sexta, 17h. R$ 30.

CLEÓPATRA? - O MUSICAL

Superprodução propõe um link entre a rainha do Egito e a época atual, recontando passagens de sua vida por meio de sete mulheres contemporâneas. Texto: Regiane Antonini. Direção: Marcelo Sabag. Com Claudia Ohana, Claudia Alencar. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.) e R$ 35 (sex. e dom.). Estréia: 21 de janeiro.

CORAÇÃO BAZAR

Espetáculo solo de Regina Duarte em que a atriz se desdobra em sete personagens inspirados em textos poéticos de Carlos Drummond de Andrade a Florbela Espanca. Direção: José Possi Neto. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 15. Até 30 de janeiro.

CRISTAL BACHARACH

Comédia musical, com visual retrô e canções de Burt Bacharach, mostrando os preparativos para o sexto casamento da matriarca Lara Elle. Texto e direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Totia Meireles, Cristiano Gualda. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 15.

DIÁRIO DE UM MATRIMÔNIO

Mulher casada entra em depressão e começa a reavaliar a sua vida. Adaptação: Cláudia Sussekind e Regiana Antonini. Com Luisa Thiré, Mariana Terra e Antonio Karnewale. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R$ 15. Até 26 de janeiro.

DIVÃ

Mulher de 40 anos procura um analista por curiosidade e acaba questionando sua trajetória até então considerada bem resolvida. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 25 (qui. e sex.) e R$ 30 (sáb. e dom.).

ÉDIPO UNPLUGGED

Montagem ousada, com cenário minimalista e figurinos cotidianos, para a tragédia grega de Sófocles. Direção: João Fonseca e Paula Sandroni. Com a Cia. F. Privilegiados (Susana Faini como atriz convidada). **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294 4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Até 30 de janeiro.

FALANDO SOZINHO

Show de humor solo sobre tipos cômicos do cotidiano. Texto: Nizo Neto e Bruno Mazzeo. Direção: Claudia Rodrigues. Com Nizo Neto. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone:

2294-0347. Quinta e sábado, 21h. Sexta, 17h. Domingo, 20h. R$30 (qui.), R$35 (sex. e dom.) e R$40 (sáb.).

INTIMIDADE INDECENTE

Texto de Leilah Assumpção sobre os encontros e desencontros de um casal dos 50 aos 80 anos. Direção: Regina Galdino. Com Vera Holtz e Marcos Caruso. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 60.

LADRÃO EM NOITE DE CHUVA

Ladrão é flagrado ao tentar assaltar apartamento na zona norte carioca dos anos 50. Texto: Millôr Fernandes. Direção: João Bethencourt. Com Cécil Thiré, André Valli, Rosane Gofman e Nilvan Santos. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.).

LOUISE BOURGEOIS: FAÇO, DESFAÇO, REFAÇO

Performance-solo sobre as memórias da artista plástica francesa Louise Bourgeois. Texto: Louise Bourgeois. Adaptação, direção e atuação: Denise Stocklos. **Teatro I do Centro Cultural do Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10.

NASCIASSIM.COM

Espetáculo de humor biográfico sobre o cotidiano dos atores. Texto e interpretação: Athaide Arcoverde. Direção: Rosane Gofman. **Teatro Henriqueta Brieba** (Rua Conde de Bonfim, 451, Tijuca). Fone: 2570-1012. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 12. Até 30 de janeiro.

NÓS NA FITA

Espetáculo de humor sobre as neuroses humanas. Texto e atuação: Leandro Hassum e Marcius Malhem. Direção: Alexandre Régis. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, Del Castilho). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

O CORNO IMAGINÁRIO

Comédia de erros sobre a suposta série de infidelidades de um membro da sociedade parisiense. Texto: Molière. Adaptação e direção: Carlos Pimenta. Com Carlos Pimenta, Teça Lemos. **Teatro Max Nunes** (Rua Campos Salles, 118, Tijuca). Fone: 2265-7916. Sexta, 20h. Sábado, 20h30. Domingo, 19h30. R$ 15.

O DIÁRIO DE DÉBORA

Dia-a-dia de uma adolescente de 15 anos, seus dramas e dúvidas sobre amizade e relacionamentos. Texto: Liliane Prata. Direção: Milton Correa e Castro e Jorge Maurílio. Com Tathiane Campos, Fernanda Pontes. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, Del Castilho). Fone: 2597-4452. Quinta a domingo, 18h. R$ 20.

O INIMIGO DA CLASSE

Fábula narra a vocação que a humanidade tem para contestar as autoridades instituídas. Texto: Nigel Williams. Direção: Sidnei Cruz. Com Álamo Faço. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294 4480. Terça e quarta, 21h. R$ 10. Até 26 de janeiro.

O MALFEITOR

Adaptação de Rosyane Trotta para conto homônimo de Anton Tchecov sobre o embate entre uma pescadora e um delegado. Direção: Breno Sanches. Com Camile dos Anjos e Daniel Chagas. **Casa da Matriz** (Rua Henrique de Novaes, 107, Botafogo). Fone: 2266-1014. Sexta e sábado, 21h. R$ 15. Até 30 de janeiro.

O QUE DIZ MOLERO

Em cena, os aspectos mais profundos e bizarros da existência humana. Texto: Dinis Machado. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Felipe Martins, Rachel Iantas, Orã Figueiredo. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2511-2791. Sexta, 17h. Segunda, 21h. R$ 35.

O SANTO E A PORCA

Euricão, homem sovina, desconfia das intenções de Eudoro, pretendente de sua filha. Texto: Ariano Suassuna. Direção: Robson Sanchez e Monique Carvalho. Com a Farsacena Cia. Teatral. **Teatro Ziembinski** (Rua Heitor Beltrão, s/n, Tijuca). Fone: 2254-5399. Quinta a domingo, 20h. R$ 15. Até 30 de janeiro.

PLANTÃO DE NOTÍCIAS

Espetáculo de humor em que jornalistas comentam erros cômicos que testemunharam em rádios, jornais e canais de TV por onde passaram. Direção: Luiz Campos. Texto e atuação: Maurício Menezes, Antonio Klemer, Luiz de França Jr. **Teatro do Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2511-2791. Sexta e sábado, 22h30. Domingo, 21h30. R$30.

PROFISSÃO ÂNCORA

Inspirado na peça Coro a Corpo, de Oduvaldo Vianna Filho, o monólogo retrata a revolta e a angústia de uma âncora de telejornal durante um dia de folga. Texto e direção: Domingos de Oliveira. Com Priscila Rozenbaum. **Teatro do Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Terça e quarta, 21h. R$ 25.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

APLAUSO 6 ANOS

QUEM TEM MEDO DE KURT WEILL? O MUSICAL

Espetáculo inspirado na vida e obra do compositor alemão Kurt Weill. Concepção: João Máximo. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.). Até 27 de fevereiro.

SINATRA, OLHOS AZUIS

Homenagem musical ao ícone da canção romântica americana. Texto e direção: Cláudio Figueira. Com Maurício Baduh, Neti Szpilman. **Teatro Vanucci** (Rua Marques de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta, 18h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50.

SOPPA DE LETRA

Espetáculo solo de Pedro Paulo Rangel, que interpreta cerca de 70 letras da MPB, dos anos 30 até hoje. Roteiro: Pedro Paulo Rangel, Antonio de Bonis e Naum Alves de Souza. Direção: Naum Alves de Souza. **Teatro do Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta e sábado, 21h. Sexta, 17h. Domingo, 20h. R$30 (qui.); R$35 (sex. e dom.) e R$40 (sáb.). Até 30 de janeiro.

SUÍTE 1

Narrativa sobre a convivência de um homem, cinco mulheres e um passado comum. Texto: Philippe Minyana. Direção: Marcio Abreu. Com Christiane de Macedo, Chris Gomes. **Espaço SESC Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10. De 17 a 27 de fevereiro.

TERÇA INSANA – GRANDES MOMENTOS

Melhores momentos do show de improvisos de humor que ficou quase quatro anos em cartaz em São Paulo. Direção: Grace Gianoukas. Criação e atuação: Grace Gianoukas, Ilana Kaplan, Luis Miranda, Roberto Camargo, Marcelo Mansfield e Octávio Mendes. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Sexta, 22h. Sáb, 20h30 e 22h30. Domingo, 20h30. R$ 40.

TRÊS HOMENS BAIXOS

Três amigos de infância na faixa dos 50 anos revelam dramas e segredos. Texto: Rodrigo Murat. Direção: Gracindo Jr. Com Francisco Cuoco, Gracindo Jr. e Chico Tenreiro. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.).

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Coração Bazar

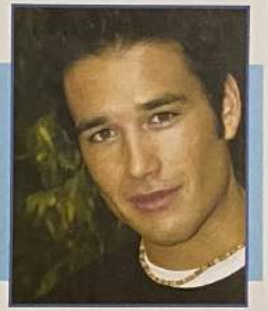
"Com Regina Duarte em cena não se precisa dizer muito. Ela colocou todo o seu envolvimento com a arte, todo o seu coração, toda a sua alma. É um prazer assistir um bicho de teatro dedicado a mostrar algo de bom para a platéia."

Rosamaria Murtinho, atriz

A maldição do Vale Negro

"Marcos Breda está divertidíssimo como a governanta má. Aliás, todos estão ótimos em cena. Ainda mais sob a direção de Luiz Arthur Nunes, que é sempre um craque."

Sergio Marone, ator



O que diz Molero

"Sou fã do Aderbal Freire-Filho e do seu trabalho de adaptação cênica. É um espetáculo deslumbrante. Básico e necessário para todos os tipos de público."

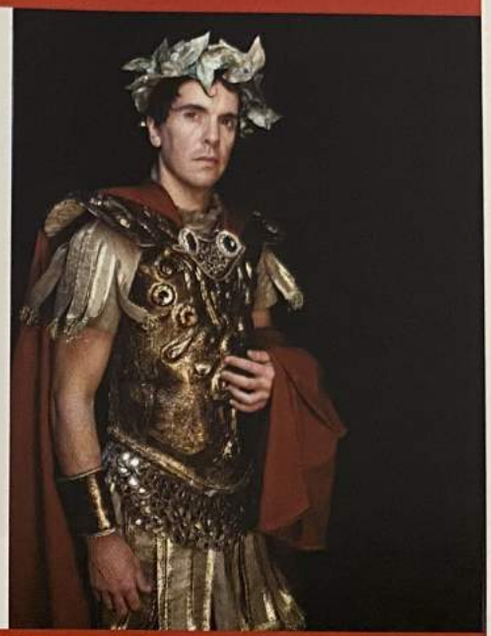
Malu Valle, atriz

Intimidade indecente

"Assisti três vezes, duas com Irene Ravache e, agora, com Vera Holtz. Vera é uma grande atriz, que tem uma visão própria da personagem e substitui Irene à altura."

Tássia Camargo, atriz

CLEÓPATRA? O MUSICAL



Superprodução utiliza o humor para revisitar biografia da rainha egípcia e discutir a importância dos mitos.

Por Janaina Medeiros

Uma peça dentro da peça. Assim começa *Cleópatra? – O Musical*, espetáculo que promete ser o primeiro grande destaque do ano. A superprodução é uma comédia musical em dois atos que aporta no Teatro Clara Nunes misturando mito e realidade, passado e presente.

Baseado na idéia original de Ronaldo dos Reis, o texto de Regiana Antonini tem direção geral de Marcelo Saback, direção musical de Guto Graça Mello e direção de movimento de Ana Kfouri. São 20 atores interpretando atores de um espetáculo sobre Cleópatra. Mas, durante os ensaios, a protagonista (interpretada pela autora Regiana Antonini) perde a voz e é substituída por Octávia Albuquerque (Claudia Ohana).

A partir daí, a atriz começa a ser vítima de um complô dos bastidores. Tudo arquitetado por outras seis "víboras" que são aspirantes ao papel de protagonista. Além de Octávia, cada uma delas tem uma característica pessoal em comum com o mito de Cleópatra: Fúlvia de Lima e Silva (Cláudia Alencar), Cleonice Septuball (Márcia Mell), Luisa Bruna de Lima e Silva (Cília Monteiro de Carvalho), Helena Spinter (Regiana Antonini), Rebeca Taylor (Sheila Mattos) e Alexandra Gaya (Patrícia Levy).

"Muitas destas sete mulheres são apenas modelos ou socialites que se acham dignas de ganhar o papel de Cleópatra, mesmo sem terem credenciais para isso. Não deixa de ser uma brincadeira sobre esse jogo de egos nas coxias das produções e esta febre de celebridades hoje em dia", avalia Oddone Monteiro, co-produtor com Ronaldo dos Reis e Fátima Monteiro, além de intérprete de Marco Antônio.

E Claudia Ohana concorda. "É uma peça divertida e ardilosa, que fala muito sobre essa disputa de egos tão comum ao tempo de Cleópatra e ao nosso atual". Outro ponto alto da trama é a preocupação em desconstruir o *glamour*. "Faço uma atriz desastrada, que entra em cena para interpretar Cleópatra e acaba escorregando. Ela é bem *gauche*, nada empostada", conta a atriz.

Os cenários e figurinos são um show à parte. Feitos com material reciclado (latas de refrigerantes, tampinhas de garrafas e pedacinhos de CDs), exibem a criatividade de Cláudio Tovar. E o excesso de dourado cresce com a iluminação do experiente Aurélio de Simoni.

A mulher e o mito

Para muitos, Cleópatra é Elizabeth Taylor, com aquelas roupas esvoaçantes, cercada de escravas e de ouro, contracenando com Richard Burton no filme que marcou os anos 60. Mas, segundo historiadores modernos, a mais famosa Rainha do Egito teve sua biografia escrita por aqueles que a venceram. Assim, a tal mulher devassa era, na verdade, uma brilhante estrategista, que falava fluentemente sete idiomas. Também mãe zelosa e dona de uma beleza questionável.

Ladrão em noite de chuva

Casal fica ilhado com assaltante dentro de apartamento, durante um temporal.

A peça se passa em 1955, no mesmo lugar onde dizem está o Rio de hoje. Há quem discorde", anuncia a voz de Cécil Thiré, pouco antes de o espetáculo começar. É nesse clima de humor e ironia que o texto de Millôr Fernandes ganha nova apresentação no Teatro das Artes, meio século depois de ter sido escrito. E leva o público carioca a relembrar um tempo de inocência e malandragem que deram lugar ao medo e violência.

Com direção de João Bethencourt, a peça se passa num apartamento da zona norte. Um casal (Rosane Gofman e Cécil Thiré) acorda no meio de uma noite chuvosa e surpreende um ladrão (André Valli) em ação. Atônito com o flagrante, ele começa uma série de mentiras e desculpas esfarrapadas para estar ali. Ao ligar para a polícia e pedir que prenda o assaltante, o dono da casa ouve que não há viaturas por causa do temporal e se vê obrigado a manter o estranho rendido.

Anos 50

"A mulher quer que prenda o ladrão. Só manda soltá-lo quando o marido decide prendê-lo no banheiro e o ladrão diz que vai quebrar o bidê. Isso não!", diverte-se a atriz Rosane Gofman, lembrando que sua personagem teria Síndrome do Pânico se vivesse hoje em dia. "Ela vive em estado de tensão absoluta. Tem muitas trancas na porta e quer que o marido coloque uma grade na janela. E é justamente por ali que o ladrão entra", revela.

O ponto alto do humor neste texto de Millôr são as frases cínicas do ladrão. Desesperado para se livrar do flagrante, ele usa todos os artifícios para se tornar íntimo da família. "Esse negócio de roubo está mesmo danado e a polícia não faz nada", diz, solidarizando-se com o casal! "São frases impagáveis. As pessoas riem muito, ele é de um cinismo muito engraçado", define André Valli.

A nova montagem de *Ladrão em Noite de Chuva* mantém a época em que o texto foi ambientado, justamente para comparar a diferença de comportamento da classe média carioca em relação a violência. "Hoje todos têm medo de tudo e não confiam em ninguém", enfatiza Valli. E há ainda a vantagem de utilizar elementos cênicos kitsch, que remetem à década de 50. "É tudo muito colorido, muito retrô... tem até móveis pés-de-palito, um charme!", diz o ator.

Minha casa, sua casa

Em Abalou Bangu ele é um aposentado que morre de medo de ladrão. E em Ladrão em Noite de Chuva ele é o próprio assaltante flagrado em casa. Em cartaz com as duas peças no Shopping da Gávea, André Valli trabalha ininterruptamente de terça a domingo e repete a façanha de 2004, quando conciliou os espetáculos O Tartufo e Abalou Bangu. "Durante a fase de ensaio chegava ao shopping às 15h e saía de lá só à meia-noite", comenta. Agora, depois da estréia de Ladrão, ele faz questão de chegar sempre duas horas antes das apresentações. "Faço questão de reler todo o texto antes de entrar no palco justamente para não confundir as peças. Não sou de improvisos", esclarece. "Vivo dentro do shopping, de um andar para o outro, só tenho folga às segundas", desabafa André, um feliz workaholic teatral. E o público agradece.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

LÍVIO CAMPOS/DIVULGAÇÃO

Sergio Mamberti, Edgar Amorim e Vera Holtz em "Pérola", 1995, Teatro do Leblon

Colecione!
Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral
R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!
Edições de 1 a 63

Cultura também é um compromisso com o futuro

A Infraero, administradora dos 66 maiores aeroportos do Brasil, investe na idéia de que promoção cultural é também um mecanismo de investimento social. Além de patrocinar a produção de filmes, livros e peças teatrais, os aeroportos possuem espaços para exposições, principalmente de artistas locais. Criar oportunidades para novos talentos e apoiar manifestações culturais é uma das formas do Brasil descobrir seu papel.

OUVIDORIA: 0800 727 1234 - www.infraero.gov.br

INFRAERO
Aeroportos Brasileiros

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS